



## **GÊNERO E LUDICIDADE: PERCEPÇÕES DE PROFESSORAS EM JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Rosana de Oliveira Gomes Santos<sup>1</sup>

Professora na Prefeitura Municipal de Tacima(PB) e Prefeitura Municipal de Passa e Fica (RN); Graduada em Pedagogia e em Ciências da Natureza; Pós-Graduada em Gestão Ambiental; Gênero e Diversidade na Escola.

<[rosanaogs@gmail.com](mailto:rosanaogs@gmail.com)>

### **RESUMO**

Esta pesquisa aborda o gênero e o lúdico na educação infantil, dando ênfase aos jogos e brincadeiras que proporcionam o desenvolvimento integral da criança. O seu objetivo foi analisar as percepções das professoras quanto à determinação de jogos e brincadeiras para meninos e meninas, verificando se há uma classificação quanto ao brinquedo que seja de menino e menina. Foi usado o conceito de gênero para compreender a relação que as professoras têm da formação da criança. Para atingir os objetivos, foi realizada uma pesquisa exploratória, tendo como instrumentos um questionário fechado aplicado às professoras, e a observação participante com as crianças na sala de aula e no pátio da escola. Para averiguar a presença ou não do sexismo no processo de ensino e aprendizagem, foram cruzados os resultados obtidos com as professoras e as crianças.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brincadeiras. Gênero. Jogos. Sexismo.

### **1INTRODUÇÃO**

Há muito tempo discute-se a questão dos jogos e brincadeiras e sua importância para o desenvolvimento integral da criança. O trabalho com o lúdico, com jogos e brincadeiras é visto como uma alternativa para alcançar esse desenvolvimento, mas o seu uso necessita ser mais discutido e analisado pelos profissionais da educação, diante de sua seriedade para o desenvolvimento da criança. No entanto, para que a formação venha ocorrer de maneira a abranger os vários aspectos da criança, as práticas pedagógicas deverão ser repensadas visando ao processo interativo e de equidade de gênero.

É preciso direcionar um olhar investigativo para a questão de gênero, percebendo como os jogos e as brincadeiras estão formando e reproduzindo diferenças de valor entre o masculino e o feminino, o que implica a reprodução de desigualdades. Mas, será que está clara a função que essas atividades exercem sobre o desenvolvimento infantil? Ao realizarem jogos e brincadeiras, com as crianças, as professoras interferem e determinam a separação de meninos e meninas, bem como,



classificam os jogos e as brincadeiras para meninos e meninas? E que comportamento as crianças reproduzem com os jogos e brincadeiras que são considerados específicos para meninos e meninas?

As questões levantadas acima e muitas outras remetem para o fato de que os jogos e brincadeiras em sala de aula necessitam de planejamento no sentido de adequar as atividades, tornando-as mais interativas entre meninos e meninas, proporcionando o desenvolvimento de suas capacidades múltiplas e de vínculos afetivos, bem como vindo a desenvolver as funções pessoal, social e cultural da criança, o que possibilita a construção de sua identidade e autonomia, dando-lhe liberdade de explorar seu ambiente de aprendizagem, tornando-a mais independente e igual a todas as crianças não importando o sexo.

É preciso compreender que nos jogos e brincadeiras a construção da identidade está sendo formada e o/a professor/a não deve interferir com frases do tipo: “Isso é pra meninos” ou “Isso é pra meninas”. É necessário trabalhar com as atividades lúdicas, promovendo a formação da autonomia e da identidade da criança livre de preconceitos e desigualdades. Nesse sentido, o presente estudo tem o propósito de analisar a percepção das professoras quanto à determinação de jogos e brincadeiras para meninos e meninas, bem como a compreensão das crianças acerca do mesmo, verificando se há uma classificação entre o que seja considerado como sendo de menino e menina.

## **2 GÊNERO E LUDICIDADE**

O conceito de gênero será usado a fim de possibilitar uma análise das atividades lúdicas com jogos e brincadeiras no processo de ensino, aprendizagem e desenvolvimento da criança, e compreender como as relações de gênero, os comportamentos e os papéis sociais, assim como, desigualdades, discriminação e preconceito se formam nas crianças.

Segundo Louro (1997, p. 24-25), deve-se “[...] entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos”. Assim, as construções de gênero na educação infantil estão sendo formadas por meio das experiências lúdicas e sociais de meninos e meninas. Segundo Bonfim (2009), a identidade de gênero se refere à forma como é possível sentir-se, identificar-se e apresentar-se para si próprio e para quem está próximo, bem como relacionar a percepção de si como masculino ou feminino, ou ambos. Sob esse prisma, os jogos e brincadeiras se constituem em exercícios que contribuem para a formação identitária de meninos e meninas.

Assim, ser menino ou menina está relacionado a comportamentos e papéis socialmente estabelecidos pela sociedade. O gênero constitui a identidade e designa as relações sociais, sendo possível perceber a formação da identidade da criança em suas relações com a família, a sociedade e



a escola. É nesses ambientes que a criança se depara com valores e primeiras definições do que podem e do que não podem fazer.

A igualdade de gênero determina que homens e mulheres sejam livres para fazerem suas escolhas sem restrições impostas por estereótipos. Esse comportamento precisa estar inserido desde cedo nas crianças para o enfrentamento dos estereótipos. De acordo com Fleuri (2006, p. 498) “[...] o estereótipo representa uma imagem mental simplificadora de determinadas categorias sociais. Funciona como um padrão de significados utilizado por um grupo na qualificação do outro. Constitui imagens que cumprem o papel de criar ou acentuar a diversidade”.

Scott (1995, p. 21) afirma que o gênero baseia-se em duas definições como “[...] elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. Sendo assim, o gênero é um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana (SCOTT, 1995, p. 23). Diante disso, o gênero pode ser considerado uma categoria para analisar as interações das crianças nos momentos de brincar e jogar apresentando um momento oportuno para verificar como e se acontecem as desigualdades e discriminações entre meninos e meninas.

De acordo com Huizinga (2000, p. 136) “[...] a vida social moderna está sendo cada vez mais fortemente dominada por uma característica que tem alguma coisa em comum com o jogo e dá a ilusão de um fator lúdico fortemente desenvolvido”. O autor ainda aponta a decadência do lúdico desde o século XVIII e enfatiza que a civilização para atingir a sua plenitude, dignidade e estilo deve levar em consideração o lúdico (HUIZINGA, 2000).

Segundo Girardi (2004), lúdico é o adjetivo que qualifica tudo o que se relaciona com o jogo ou a brincadeira, caracteriza uma mentalidade, um comportamento ou uma ação que parece apresentar um ambiente ou evento no qual o real tem um estatuto semelhante ao que tem na brincadeira ou no jogo: de prazer, divertimento, etc.. Assim, o lúdico pode se configurar como uma das maneiras de promover a igualdade de gênero, para isso deve atender, valorizar e favorecer, de maneira equivalente, direitos, benefícios, obrigações e oportunidades entre homens e mulheres (ARAÚJO, 2005). A escola é um espaço privilegiado para a propagação de ideias na vida e na aprendizagem, por isso deve criar condições de interações entre os/as aluno/a realizando atividades que contribuam igualmente e, ao mesmo tempo, acabar com o privilégio dado a determinado tipo de sexo eliminando as diferenças.

É preciso compreender as questões de ludicidade e gênero tendo um olhar atencioso para a escola e os/as professores/as para que as relações de gênero e o uso da ludicidade passem de um



plano distante para a realidade de uma igualdade de gênero. A formação de gênero e de caráter lúdica dos/as professores/as é praticamente inexistente nos currículos oficiais dos cursos de formação do/a educador/a, entretanto algumas experiências têm mostrado sua validade, e não são poucos os que têm afirmado ser a ludicidade a alavanca da educação para o terceiro milênio (NEGRINE, 1994 apud BEZERRA 2007).

É possível inserir nas relações e interações das crianças ideias de respeito mútuo, aceitação e igualdade. Buscando entender as interações sociais na escola e as relações entre professoras e crianças, usando a categoria de gênero para compreender que percepções de jogos e brincadeiras são elucidadas na educação infantil verificando se ocorrem no uso dessa prática a classificação e determinação de meninos e meninas. De acordo com Esplendor e Braga (2007, p. 3) “[...] o debate precisa se disseminar nos ambientes acadêmicos e educacionais, para que a inclusão da temática ‘gênero’ seja efetivada, de fato, nos currículos escolares.”

### **30/A PROFESSOR/A E AS RELAÇÕES DE GÊNERO**

Nas interações sociais, campo da psicologia sócio-histórica, segundo Martins (1997), todo indivíduo se constitui pelas reações estabelecidas com os outros, desde os primeiros anos de vida o ser humano entra em um processo histórico que oferece dados e visões sobre o mundo e permite, também, a construção de uma visão pessoal sobre este mundo. Assim, professores/as e crianças fazem parte desse processo.

Vygotsky (1987 apud Martins 1997) traz a ideia de desenvolvimento humano por interação, em que a criança reconstrói internamente uma atividade externa, como resultado de processos interativos que ocorrem ao longo do tempo. Isso significa que a criança processa internamente as visões de mundo que convive e, quando adulto, reproduz/expressa ou não o que assimilou. Nos momentos de jogos e brincadeiras, as crianças podem expressar de que querem brincar e com quem querem brincar. Essas preferências se manifestaram, primeiramente, em sua casa - na família, espaço primeiro de formação de gênero. Portanto, as crianças trazem para a escola concepções sobre as masculinidade e feminilidades.

A escola pode reforçar ou reconstruir o que a criança aprendeu. Vygotsky (1987 apud Martins 1997, p. 114) explica que a reconstrução existe antes no social e depois no pessoal. Assim, “[...] a criança vai aprendendo e se modificando”. Desse modo, é no contato e na influência mútua



entre as pessoas que se constrói, em primeiro lugar, o conhecimento e somente depois será partilhado pelo grupo em que tal conhecimento foi conquistado ou construído.

O/a professor/a deve ser o articulador dos momentos de interação entre as crianças, os jogos e as brincadeiras proporcionando a igualdade de gênero. Martins (1997, p. 120) esclarece que “[...] a intervenção das pessoas mais experientes na vida das crianças, criando-lhes espaços diferenciados de interlocução, parece ser fundamental para o desenvolvimento e a constituição de seu modo de ser social”.

Não se pode esquecer o fato de que o/a professor/a, segundo Charlot (2008), sofre pressões sociais, por um lado, é vigiado/ae criticado/a, ao tempo em que detém a responsabilidade de acompanhar as mudanças na sociedade e repassá-las para os/as alunos/as. Assim, “[...] o professor é convidado a adaptar sua ação ao contexto” (CHARLOT, 2008, p. 20). O autor ainda afirma que “[...] o professor trabalha emaranhado em tensões e contradições arraigadas nas contradições econômicas, sociais e culturais da sociedade contemporânea” (CHARLOT, 2008, p. 21).

Os jogos e brincadeiras precisam de um olhar crítico dos/as professores/as para que não formem estereótipos de ser menino ou menina nesses momentos. Com esse procedimento, afirmam Esplendor e Braga:

[...] estaremos contribuindo para que a escola não seja um instrumento de preconceitos, mas de promoção e valorização das diversidades que enriquecem a sociedade brasileira. Por isso, a escola se configura como o caminho mais consistente e promissor para um mundo sem intolerância, mais plural e democrático (ESPLENDOR; BRAGA, 2007, p. 3).

Dessa forma, fica claro que a escola é uma das instituições responsáveis e com eficácia para construir e elaborar socialmente relações equitativas, reduzindo preconceitos de gênero com iniciativas dentro da escola com projetos, palestras e a participação da família e sociedade.

## **4METODOLOGIA**

A pesquisa foi realizada no município de Tacima (PB), em uma escola de educação infantil, localizada na zona urbana da cidade. A escola está dividida em berçário, maternal e pré-escolar. A pesquisa foi realizada no turno vespertino com três turmas de pré-escola, com seis professoras, sendo três titulares e três auxiliares. O turno escolhido apresenta apenas turmas de pré-escolar. As professoras aceitaram participar da pesquisa, todas têm formação superior em Pedagogia e somente duas têm pós-graduação. A escola escolhida é a mesma que a pesquisadora trabalha no turno



matutino, oportunizando uma vivência e conhecimento maior da escola dos dois turnos e da realidade da escola.

Tendo como apoio os conceitos de gênero e o lúdico com jogos e brincadeiras, optou-se pela pesquisa qualitativa para obtenção de dados. A pesquisa qualitativa não emprega um instrumento estatístico como apoio na análise de um problema, sem pretender medir ou numerar categorias (RICHARDSON, et al, 1999).

Foi aplicado um questionário fechado às professoras, através de contato direto na escola, com dez perguntas; porém, neste artigo são apresentadas as seis perguntas mais relevantes para as discussões por se tratarem das questões de gênero e lúdico. O questionário com perguntas fechadas, segundo Richardson et al (1999), são perguntas que apresentam alternativas preestabelecidas, assim o entrevistado escolhe aquelas mais próximas a suas ideias. Com esse questionário, foi possível identificar se os jogos e as brincadeiras são determinados e classificados para meninos e para meninas. Essas são práticas sexistas que podem estar sendo repassadas pelas professoras no momento da recreação.

Acompanhando o pensamento de Richardson et al (1999, p. 264), optou-se por utilizar as observações, pois “[...] há aspectos do comportamento humano que não poderiam ser estudados satisfatoriamente de outra forma [...]” (RICHARDSON et al, 1999, p. 264). Os autores enfatizam que “[...] a observação é o [método de coleta de dados] que menos exige do sujeito objeto de estudo.” “[...] o trabalho dependerá mais do pesquisador, deixando o observado como elemento passivo e sem despendar qualquer esforço além do desempenho natural de sua atividade [...]” (RICHARDSON, 1999, p. 264, acréscimo no original).

A pesquisa ainda contou com a observação participante, verificando se as crianças têm o mesmo comportamento que as professoras repassaram. Na observação participante, conforme afirma Richardson et al (1999, p. 261), “[...] o observador participante tem mais condições de compreender os hábitos, atitudes, interesses, relações pessoais e características da vida diária da comunidade do que o observador não participante [...]”. As observações aconteceram por cinco dias na sala de aula e no pátio da escola. O cruzamento dos dados foi de acordo com as concepções das professoras e do referencial teórico.

Organizaram-se os dados do questionário e das observações de forma descritiva/analítica e em quadros. Foram utilizadas categorias para duas perguntas do questionário, para que se tornasse mais prático. Aparelharam-se nas perguntas quatro e cinco as categorias: F para feminino – M para



masculino e FM – para feminino e masculino. A seguir apresentaremos alguns resultados e discussões desta pesquisa.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A primeira pergunta do questionário direcionada às professoras foi: “Você costuma utilizar jogos e brincadeiras na recreação das crianças?” As respostas podem ser verificadas no quadro 01.

Respostas das Professoras	
Sim	Não
6	0

**Quadro1: Distribuição das respostas das professoras em relação à primeira pergunta.**

Fonte: Pesquisa de campo, 2015 – Tacima (PB)- para os limites da pesquisa.

As seis professoras confirmaram a utilização de jogos e brincadeiras na recreação das crianças. Essa confirmação tem grande importância na vida das crianças, tendo em vista que, de acordo com Medeiros (2010), através de brincadeiras e jogos a imaginação criadora da criança é aguçada, levando-a a buscar seu mundo, trazendo um equilíbrio entre seus impulsos, desejos e interesses pelo mundo real que a cerca. Percebeu-se, na maioria das vezes, as crianças brincando livremente no pátio ou no parque, em outros momentos as professoras sugeriram brincadeiras de roda, jogo de futebol e amarelinha.

A segunda pergunta indagava as professoras foi: “As crianças costumam se separar meninos com meninos e meninas com meninas para brincar ou jogar?” As respostas estão no quadro 02.

Respostas das Professoras	
Sim	Não
6	0

**Quadro2: Distribuição das respostas das professoras em relação à segunda pergunta.**

Fonte: Pesquisa de campo, 2015 – Tacima (PB) para os limites da pesquisa.

As seis professoras afirmaram que as crianças costumam se separar para realizar essas atividades. Foi possível perceber, na grande maioria, a interação de meninos com meninos e meninas com meninas, principalmente na hora da brincadeira livre. As meninas não participavam das brincadeiras dos meninos e os meninos não participavam das brincadeiras das meninas. Como por exemplo, na brincadeira de pega-pega, apenas meninos, na brincadeira de casinha, apenas meninas.

Quando as professoras sugeriram as brincadeiras de roda e amarelinha todas as crianças interagiam, porém, no jogo de futebol, apenas os meninos quiseram brincar, deixando de aproveitar um momento oportuno para a inclusão das meninas no jogo, evitando os estereótipos. Neves (2008 apud Silva e Luz 2010, p. 29-30) afirma que “[...] diante da expressão de estereótipos e preconceitos por parte das crianças, a educadora intervém, indicando que meninos e meninas podem brincar juntos, experimentar diferentes papéis, tocando em questões que envolvem as relações gênero e outras diferenças”.



Nas interações das crianças não deve acontecer discriminação na hora de brincar, nem o reforço à representação estereotipada do que é de menino e do que é de menina. Como Martins (1997) afirma, desde os primeiros anos, as relações e as interações com outros constituem o indivíduo e oferece-lhes uma visão de mundo. O brincar e o jogar entre meninos e meninas, isto é, envolvendo ambos os sexos, precisam ser espalhados nas recreações, pois são atividades que não excluem, mas proporcionam interação entre ambos, troca de experiências e imaginação.

Silva e Luz (2010) asseguram que brincadeiras e jogos são importantes momentos de interação entre as crianças, de cuidados e de educação que inclui a constituição das identidades, a construção das imagens de si e dos outros como meninos e meninas.

Na terceira pergunta questiona-se às professoras: “Você costuma separar meninos e meninas, na escola, em que momentos?” As respostas estão no quadro 03.

<b>Brincadeira</b>	<b>Resposta</b>
Jogos	Não
Fila	Não
Brincadeiras	Não
Atividades	Não
Cadeiras	Não

**Quadro3: Distribuição das respostas das professoras em relação à terceira pergunta.**

Fonte: Pesquisa de campo, 2015 – Tacima (PB)- para os limites da pesquisa.

Das opções sugeridas, as seis professoras marcaram outros e citaram que não separavam os/as alunos/as em momento algum. Porém, através da observação, percebeu-se que na hora da recreação no pátio, havia separação no momento de brincar de casinha ou de jogar bola entre as crianças. Apesar de as identidades de gênero estarem continuamente se transformando, é preciso prudência nas representações estereotipadas que acontecem nas interações entre as crianças, pois como Oliveira e Salva (2010) lembram, a conduta construída faz compreender o que é ser homem e mulher. De acordo com Grossi (1998), a identidade de gênero remete ao sentimento individual de ser menino ou menina, por isso a importância de se trabalharem com as crianças essas questões.

A pergunta quatro foi: “Classifique os jogos, abaixo, utilizando F para feminino, M para masculino e FM para ambos?” O quadro04 apresenta a classificação dada pelas professoras.

<b>Jogo</b>	<b>Gênero</b>	
Futebol	M	
Xadrez		FM
Dama		FM
Queimado		FM
Dominó	M	
Vôlei	F	

**Quadro4: Respostas das professoras à quarta pergunta**

Fonte: Pesquisa de campo, 2015. Tacima (PB)





As seis professoras classificaram os jogos de futebol e dominó como masculino, os jogo de xadrez, dama e queimado como masculino e feminino, e o jogo de vôlei como feminino. Percebeu-se uma direção do jogo de futebol e dominó para meninos. Dos seis jogos, três foram marcados como masculino e feminino e um marcado como apenas feminino. Classificar jogos apenas como masculino e feminino reforça os estereótipos, preconceito e discriminação entre meninos e meninas.

Como destaca Martins (1997), primeiro se constrói o conhecimento e depois ele é repassado. As professoras demonstram que sua formação não proporcionou um olhar diferenciado para essas questões. Meninos e meninas podem jogar quaisquer tipos de jogo, pois não existem regras de sexo para essas atividades. Deve-se enxergar como natural o fato de que meninos e meninas tenham gostos parecidos na maneira de se divertir com jogos. Predeterminar que um jogo seja masculino ou feminino provoca uma barreira na maneira de se expressar e se comportar da criança.

Classificar o gênero de uma criança por meio de suas escolhas de jogos ou brincadeiras não define seu sexo. As escolhas demonstram a formação dos estereótipos de meninos e meninas, além de orientar as relações separadas entre as crianças, meninos com meninos e meninas com meninas, já que Scott (1995) afirma que o gênero é constituído nas relações sociais, assim são essas relações entre meninos e meninas e delas/es com educadores/as, por meio de jogos e brincadeiras, que aparecem como aspectos que contribuem para a formação de sua identificação de gênero.

As relações de gênero com crianças, meninos e meninas, evidenciam comportamentos de acordo com o seu sexo, porém essas relações precisam ser de respeito mútuo. “Crianças que aprendem que meninos e meninas devem ter direitos, deveres e oportunidades iguais serão adultos que saberão respeitar o outro, independentemente do fato de ser homem ou mulher” (CARVALHO, 2012). Corrobora-se com a autora quando afirma que a igualdade de gênero é considerada uma das bases para construir uma sociedade com menos preconceito e discriminação.

A pergunta cinco foi: “Classifique as brincadeiras, abaixo, utilizando F para feminino, M para masculino e FM para ambos.” As respostas estão no quadro 05.

Brincadeira	Sexo		
	M	F	FM
Carrinho	M		
Boneca		F	
Pega Pega			FM
Casinha		F	
Roda			FM
Amarelinha		F	

**Quadro 5: Distribuição das respostas das professoras em relação à quinta pergunta**

Fonte: Pesquisa de campo, 2015. Tacima (PB)

Conforme demonstra o quadro 05, as seis professoras afirmaram que a brincadeira de carrinho é masculina, ou seja, para meninos. As brincadeiras de boneca, roda e amarelinha são classificadas como femininas, ou seja, para meninas, já o pega-pega é rotulada como para ambos os sexos masculino e



feminino, assim como a brincadeira de roda. De acordo com Finco (2008, p. 268) “[...] fica difícil, por exemplo, continuar sustentando a importância que um menino não brinque de boneca, em nossa sociedade atual, na qual cada vez mais o pai assume comportamento de cuidado com suas próprias crianças”.

Percebeu-se que, ao contrário dos jogos, as professoras classificam para meninas a maioria das brincadeiras. Isso faz entender que as professoras atribuem os jogos que requerem agilidade, rapidez e força aos meninos e as brincadeiras de boneca, roda e amarelinha que não requerem essas habilidades as meninas.

Segundo Romero (1992), a escola reproduz e produz as diferenças e desigualdades sociais influenciadas pelas concepções patriarcais, contribuindo para diferentes papéis e comportamentos de meninos e meninas. Assim, “[...] os meninos são criados para serem fortes, independentes, agressivos, competentes, competitivos e dominantes. Já as meninas, adquirem um comportamento dependente, sensível e afetuoso” (ROMERO, 1992, 25).

O ambiente escolar deve ser estimulante e favorecer a interação nas brincadeiras de meninos e meninas; para isso, deve estar fundamentado numa proposta de trabalho que tenha características de processos dinâmicos subjacentes à construção das estruturas cognitivas e de equidade de gênero. A escola juntamente com professores/as precisam promover atividades que incluam temas da contemporaneidade - globais e locais - além da cidadania para o ingresso da criança na sociedade, principalmente o que se refere às questões sociais de respeito, igualdade, tolerância e aceitação das diferenças. Entretanto, Charlot (2008) coloca que “[...] o[a] professor[a] trabalha emaranhado em tensões e contradições arraigadas nas contradições econômicas, sociais e culturais da sociedade contemporânea” (CHARLOT, 2008, p. 21).

Assim, a classificação das professoras sobre as atividades lúdicas das crianças “específicas” a cada sexo evidencia a imposição social e cultural da sociedade em seus gostos por determinados brinquedos e brincadeiras que precisam ser problematizadas.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O jogo e a brincadeira fazem parte de praticamente todas as atividades do desenvolvimento do ser humano. Partindo dessa afirmação, percebe-se que os momentos lúdicos proporcionam aos indivíduos a possibilidade de desenvolver a sua criatividade. No ambiente escolar as atividades lúdico-pedagógicas contribuem para a construção do conhecimento, desenvolvimento pessoal, social, cognitivo e psicomotor. O brincar contribui para aguçar a vontade de aprender. O jogar coopera para o raciocínio a regras. Ambos brincar e jogar são maneiras de interações e descobertas.

Porém, esses momentos de jogo e brincadeira podem tornar-se momentos de opressão, discriminação e jogo de poder. Nesses momentos a criança envolve-se e sente a necessidade de partilhar com o outro, ainda que em postura adversária. A parceria é um estabelecimento de relação, esta relação expõe as potencialidades dos participantes, afeta as emoções e põe à prova as aptidões, testando limites. E nesse processo de aprender



brincando o/a professor/a precisa administrar as interações de forma espontânea, livre, longe de estereótipos. Por isso, as práticas lúdicas com jogos e brincadeiras não podem ser vistas como distintas de sexos – meninos e meninas, homem e mulher, feminino e masculino. Essas atividades devem ser trabalhadas de maneira igual.

O/a professor/a é uma das principais pessoas envolvidas nesse processo, mesmo que as crianças tragam consigo a reprodução cultural dos seus pais e da sociedade, é necessário que o/a professor/a tenha uma fundamentação teórica consistente para dar o suporte que ela precisa para o entendimento dos porquês de seu trabalho e de suas atitudes. Os resultados apontaram para uma predominância de comportamentos sexistas nos jogos e brincadeiras apontados pelas professoras e pelas crianças. E é por meio da educação que é possível trabalhar a intolerância, discriminação e o preconceito, desde o ensino infantil à fase adulta. Nesse enfoque, torna-se clara a função que a Educação Infantil desempenha na formação da criança, uma vez que é esta modalidade de ensino que assume o papel de orientar os primeiros passos na formação de uma criança.

Uma ótima alternativa nesse processo é o trabalho com jogos e brincadeiras, tendo como referência o/a professor/a, que necessita observar as interações nesses momentos para alcançar nas crianças liberdade e igualdade na hora de brincar. As professoras são subjetivadas pelos discursos de gênero que vão ensinando que há modos corretos de ser masculino e feminino na nossa cultura. Os estereótipos precisam estar distante dos momentos de brincadeiras e jogos para não formar na criança o pensamento e o comportamento sexista. Não se pode permitir que a formação hierarquizada de gênero atinja as crianças fazendo parte do convívio familiar e escolar. É preciso praticar a igualdade de gênero já, só assim as futuras gerações poderão amenizar as diferenças, desigualdades e limitações entre homens e mulheres.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, F. M. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, vol.17, n.2, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652005000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652005000200004)>. Acesso em 10 set. 2015.

BEZERRA, E, A. A importância do jogo na educação infantil. **Webartigos**, dez., 2007. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-do-jogo-na-educacao>>. Acesso em: 31 out. 2015.

BONFIM, C. Gênero, identidade de gênero e orientação sexual. Educação Sexualidade. 10 de julho de 2009. Disponível em: <<http://educacaoesexualidadeprofclaudiabonfim.blogspot.com.br/2009/07/genero-identidade-de-genero-e.htm>>. Acesso em: 20 out. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**: formação pessoal e social. Brasília: MEC/SEF, v. 01/02, 1998. Disponível em: <[www.cpt.com.br/cursos-educacao-infantil/artigos/rcn-formacao-pessoal-e-social-no-referencial-curricular-nacional-completo-e-atualizado](http://www.cpt.com.br/cursos-educacao-infantil/artigos/rcn-formacao-pessoal-e-social-no-referencial-curricular-nacional-completo-e-atualizado)>. Acesso em: 03 set. 2015.



CARVALHO, P, M. **O conceito de gênero no dia a dia da sala de aula.** Cuiabá, v.21, n.46, maio/ago, 2012. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/index.php/educacaopublica/article/view/416>>. Acesso em: 03/10/2015.

CHARLOT, B.O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição.**Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 17, n. 30jul/dez, 2008.

CHAER, G. DINIZ, R. R.; RIBEIRO, E. A..A técnica do questionário na pesquisa educacional.**Revista Evidência**, Vol.7, N.7, Araxá, 2011. Disponível em: <<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

ESPLENDOR, S. V. E.; BRAGA, M. R. E..**Condutas pedagógicas sobre as questões de gênero na escola.**Maringá: EDUEM, 2007. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2274-8.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2015.

FINCO, D. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-Posições**. Campinas,v.14, n.3 (42), Set./Dez, 2003. Disponível em: <http://www.cppnac.org.br/wp-content/uploads/2013/07/Rela%C3%A7%C3%B5es-de-genero-nas-brincadeiras-de-meninos-e-meninas.pdf>Acesso em: 10 set.2015.

FINCO, D. **Socialização de gênero na educação infantil. Fazendo Gênero 8-** Corpo, Violência e Poder. Porto Alegre, n.43, ago, 2008. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Daniela\\_Finco\\_10.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Daniela_Finco_10.pdf)>. Acesso em: 13 set. 2015.

FLEURI, R, M. Políticas da diferença: Para além dos estereótipos educacionais. **Educação Social**, Campinas, vol. 27, n. 95, maio/ago, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v27n95/a09v2795.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2015.

GIRARDI, A. M.. A importância do brincar no desenvolvimento da criança. **Akrópolis - Revista de Ciências Humanas da UNIPAR**, v.12, nº.4, out./dez., 2004. Disponível em:<<http://revistas.unipar.br/akropolis/article/view/1958/1706>>. Acesso em: 31 out. 2015.

GROSSI, P. M. **Identidade de gênero e sexualidade.**Florianópolis, UFSC/PPGAS, 1998. Disponível em:<[http://bibliobase.sermais.pt:8008/BiblioNET/upload/PDF3/01935\\_identidade\\_genero\\_revisado.pdf](http://bibliobase.sermais.pt:8008/BiblioNET/upload/PDF3/01935_identidade_genero_revisado.pdf)>. Acesso em: 26 out. 2015.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. Tradução de João Paulo Monteiro. Revisão de Mary Amazonas Leite de Barros. 4. ed. Reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2000. (Digital Source) Disponível em: <[http://jn.ilva.ludicum.org/Huizinga\\_HomoLudens.pdf](http://jn.ilva.ludicum.org/Huizinga_HomoLudens.pdf)>. Acesso em: 31 out. 2015.

LOURO, L, G. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis(RJ): Vozes, 1997.

MARTINS, C, J. Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: Reconhecer e desvendar o mundo. **Série Idéias**n. 28. São Paulo: FDE, 1997. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_28\\_p111-122\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p111-122_c.pdf)>. Acesso em: 15 set. 2015.

MARQUES, D. A. L. **Promover a interação entre crianças da mesma idade.**2012Dissertação (Mestrado em Educação Pré-escolar). Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Porto, jun, 2012. Disponível em: <[http://repositorio.esepf.pt/bitstream/10000/611/4/TM\\_PE\\_LILIANAMARQUES\\_2012.pdf](http://repositorio.esepf.pt/bitstream/10000/611/4/TM_PE_LILIANAMARQUES_2012.pdf)>. Acesso em:out. 2015.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

MEDEIROS, M. E. **Jogos e brincadeiras na educação infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Especialização em Psicopedagogia com Ênfase em Educação Infantil). Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena – ISE. Nova Floresta, 2010. Disponível em: <[http://biblioteca.ajes.edu.br/arquivos/monografia\\_20140227104815.pdf](http://biblioteca.ajes.edu.br/arquivos/monografia_20140227104815.pdf)>. Acesso em: 12 ago. 2015.

OLIVEIRA, K; SALVA, S. **Relações de gênero na educação infantil: uma reflexão necessária**. Santa Maria (RS), 2010. Disponível em: <<http://www.unifra.br/eventos/pedagogia2010/Trabalhos/272.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2015.

RICHARDSON, J. R. et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

ROMERO, E. Diferenças entre meninos e meninas quanto aos estereótipos: contribuição para uma política de desmistificação. **Revista do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**, v.14, n.1, 1992.

SANTOS, J, P; SOUZA, Q, E. **Práticas sexistas na educação infantil: uma questão de gênero**. Enciclopédia biosfera, Centro Científico Conhecer - Goiânia, vol.6, n.11, 2010. Disponível em: <<http://www.conhecer.org.br/enciclop/2010c/praticas%20sexistas.pdf>>. Acesso em: 19/10/2015.

SCOTT, W, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, 1995.

SILVA, O. I.; LUZ, R. I. Meninos na educação infantil: o olhar das educadoras sobre a diversidade de gênero. **Cadernos Pagu**, jan/jun, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n34/a03n34.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2015.

VIANNA, C.; FINCO, D. Meninas e meninos na educação infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**, v. 33, jul/dez, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332009000200010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332009000200010&script=sci_arttext)>. Acesso em: 30 set. 2015.